

# Evidências de vida no mundo dos mortos: o megalitismo do concelho de Arraiolos

*Leonor Rocha (lrocha@uevora.pt)  
Universidade de Évora/CHAIA*

## **Resumo:**

A investigação arqueológica tem, no decurso dos últimos 150 anos, passado por períodos de grande marasmo, seguida de outros de intensa atividade, mais ou menos focalizada em determinadas áreas, períodos cronológicos e/ou temáticas. O atual concelho de Arraiolos é um bom exemplo desta situação, sobretudo no que diz respeito ao estudo do megalitismo.

Os dados apresentados neste trabalho baseiam-se, sobretudo, nas informações recolhidas em dois dos momentos de maior atividade; i) entre 1931 e 1945, altura em que Manuel Heleno inventariou e escavou dezenas de monumentos megalíticos funerários desta área; ii) a partir de 2010 até ao presente, com os projetos de investigação coordenados pela signatária.

A súmula dos dados coligidos até ao presente permite-nos, agora, ter uma boa noção sobre a vida e a morte destas primeiras sociedades camponesas que habitaram este território entre cerca de 6000 a 3000 a.C.

**Palavras-chave:** Megalitismo; Arraiolos; Manuel Heleno; História da Arqueologia

**Title:** Evidence of life in the world of the dead: the megalithism of the Municipality of Arraiolos

## **Summary:**

During the last 150 years, archaeological research has been going through periods of significant stagnation, followed by periods of intense activity, more or less focused in specific areas, chronological periods and/or themes. The current Municipality of Arraiolos is a good example of this situation, especially in regards to the study of megalithism.

The information presented in this study is mainly based on data collected during two of the most active periods; i) between 1931 and 1945, when Manuel Heleno drew up an inventory and excavated dozens of funerary megalithic monuments in this area; ii) since 2010 and until the present, with research projects coordinated by the author.

The summary of the data collected up until the present has led us, now, to have a good notion of the life and death of the first agrarian societies which inhabited this region between around 6000 and 3000 b.C.

**Keywords:** Megalithism; Arraiolos; Manuel Heleno; History of archaeology

## **1. Manuel Heleno e a Arqueologia alentejana: a primeira metade do século XX**

A arqueologia portuguesa na primeira metade do século XX passou por períodos mais ou menos conturbados devido aos conflitos existentes entre alguns dos arqueólogos mais proeminentes à época. Uma das figuras mais contestadas foi, sem dúvida, o então diretor do Museu Etnológico (atual Museu Nacional de Arqueologia), Manuel Heleno, pela forma como geria o Museu e a arqueologia portuguesa.

De facto, a sua estreita ligação ao Regime permitiu-lhe nos inícios dos anos 30 do séc. XX ascender ao mais alto cargo na arqueologia nacional o que lhe deu, durante algum tempo, plenos poderes sobre sítios e financiamentos que geriu em função dos seus interesses pessoais. Entre os vários temas que estudou na sua carreira, o projeto do Megalitismo alentejano foi, sem dúvida, um dos que mais monopolizou a sua atenção, que inicia em 1931, no concelho de Montemor-o-Novo.

Aparentemente, a sua metodologia em campo passava pela existência de informadores locais que lhe iam indicando os monumentos megalíticos existentes em cada herdade. Intervencionados esses, passava a outro conjunto. Em Novembro de 1933 chega ao concelho de Arraiolos...

## 1.1. Trabalhos em Arraiolos

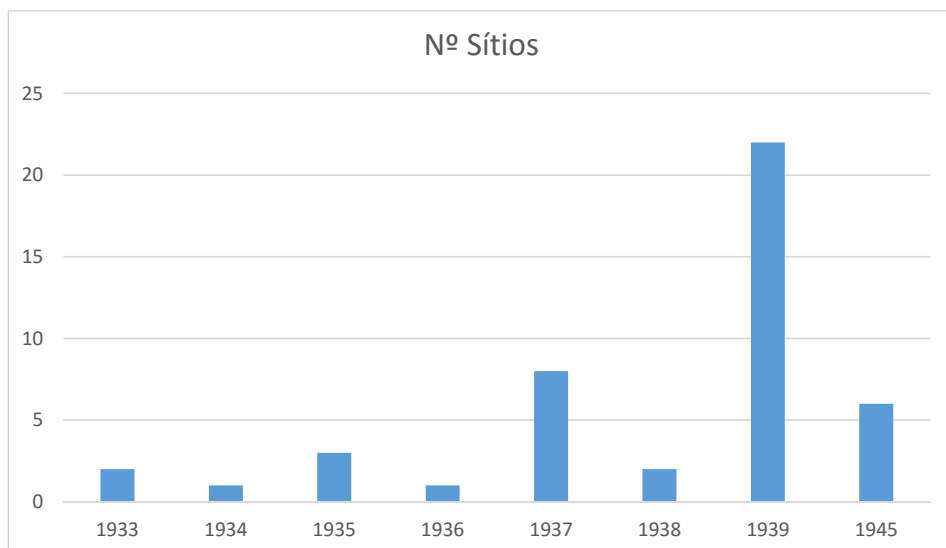
No concelho de Arraiolos, Manuel Heleno identifica 45 sítios e escava, pelo menos, 39 monumentos megalíticos funerários (ver **Tabela 1**), entre 1933 e 1945.

**Tabela 1**

1	Outeiro de St. <sup>a</sup> Clara	Anta	Nov. 1933
2	Seixinho	Anta	Nov. 1934
3	1. <sup>a</sup> da Represa	Anta	Abr. 1935
4	Lusos	Anta	Abr.1935
5	3. <sup>a</sup> da Represa	Anta	Abr.1935
6	2 da Represa	Anta	Abr. 1936
7	1. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
8	2. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
9	3. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
10	4. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
11	5. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
12	6. <sup>a</sup> do Peral	Anta	Out. 1937
13	1. <sup>a</sup> da Courela dos Fretes	Anta	Out. 1937
14	2. <sup>a</sup> Courela dos Fretes	Anta	Out. 1937
15	Cabeça Gorda	Anta	Fev. 1938
16	1. <sup>a</sup> da Mata	Anta	Mai.1938
17	1. <sup>a</sup> dos Testos	Anta	Jun. 1939
18	2. <sup>a</sup> dos Testos	Anta	Jun. 1939
19	3. <sup>a</sup> dos Testos	Anta	Jun. 1939
20	4. <sup>a</sup> dos Testos	Anta	Jun. 1939
21	1. <sup>a</sup> dos Gualões	Anta	Jun. 1939

22	2. <sup>a</sup> dos Gualões	Anta	Jun. 1939
23	3. <sup>a</sup> dos Gualões	Anta	Jun. 1939
24	4. <sup>o</sup> dos Gualões	Anta	Jun. 1939
25	Fuletreira	Anta	1939
26	Zambujo	Anta	1939
27	1. <sup>a</sup> da Courela	Anta	1939
28	2. <sup>a</sup> da Courela	Anta	1939
29	3. <sup>a</sup> da Courela	Anta	1939
30	4. <sup>a</sup> da Courela	Anta	1939
31	Freixa	Anta	1939
32	1. <sup>a</sup> das Picanceiras	Anta	1939
33	2. <sup>a</sup> das Picanceiras	Anta	1939
34	3. <sup>a</sup> das Picanceiras	Anta	1939
35	Serrinha	Anta	1939
36	Agrual	Anta	1939
37	Almargem	Anta	1939
38	Chaminé	Anta	1939
39	Herdade das Antas	Anta	1945
40	Cabeças	Anta	Out.Nov.1945
41	Montinho	Anta	1945
42	Rosmaninhal	Anta	1945
43	Barrocal do Degebe	Anta	1945
44	Chainha	Anta	1945
45	Almoínhas	Arte Rupestre	1933

**Tabla 1** - Lista monumentos referidos por M. Heleno no concelho de Arraiolos (Rocha, 2005).



**Gráfico 1** - Número de monumentos inventariados e/ou intervencionados por ano (sgd. Rocha, 2005).

Como se pode verificar (**Tabela 1** e **Gráfico 1**), existe uma grande disparidade no número de monumentos intervencionados entre 1933 e 1945. Estas diferenças devem-se ao facto de nos primeiros anos se encontrar também a intervir monumentos nos concelhos circundantes (Montemor-o-Novo, Coruche e Mora) e, entre 1940 e 1944, interromper toda a sua atividade no Alentejo, muito provavelmente devido à conjuntura que se vivia em termos nacionais e internacionais (2.<sup>a</sup> Guerra Mundial).

No âmbito dos seus trabalhos Manuel Heleno registava os dados das escavações (e outras anotações/ comentários) em pequenos *Cadernos de Campo*. Em termos gerais, a leitura desta informação de campo permitiu identificar problemas de vários níveis: i) nem sempre a data da intervenção é muito precisa. Se, para alguns monumentos existe menção ao dia/mês/ano, noutros temos apenas mês/ano, ou simplesmente o ano ou a data que consta no índice do *Caderno de Campo*; ii) o número exato do espólio recolhido raramente é referido; iii) poucas vezes descreve as camadas existentes ou a posição dos artefactos dentro do monumento; iv) o código atribuído existe

apenas em alguns monumentos, o que parece resultar de, por um lado ter optado por não o atribuir a monumentos que não forneceram qualquer espólio e, por outro, ter decidido (?) também não o atribuir aos monumentos dos concelhos localizados mais a Este (Estremoz e Fronteira).

Na verdade, em nenhum momento Manuel Heleno explicita os seus critérios, as suas opções ou metodologias. Se, nalguns casos, se consegue vislumbrar o porquê das suas opções, através da leitura dos seus *Cadernos de Campo*, noutros é impossível.

No que concerne a Arraiolos, os monumentos/sítios do concelho aparecem referidos em 11 dos *Cadernos de Campo* de Manuel Heleno (17, 18, 26, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39 e 1945) e enquadram-se, quase todos, na numeração geral atribuída por M. Heleno; a única exceção neste concelho é o *Caderno* de 1945, em que apenas aparece a data e em que não foi atribuído aos monumentos qualquer código. As descrições são ainda menos precisas, onde faz referência a vários monumentos que, aparentemente, poderá não ter escavado uma vez que não apresenta as descrições habituais.

Cada monumento era identificado através da sua designação (por norma o nome da Herdade ou o topónimo do sítio) seguido de um código (alfabético); a data da intervenção; a localização; a descrição do espólio recolhido; a descrição da arquitetura; a orientação e, em alguns casos, os comentários finais.

A data da intervenção é referida apenas em alguns monumentos; noutros, apenas contamos com a data que consta no Índice do *Caderno de Campo*. A título de exemplo, transcrevemos o início do *Caderno* 37 (Rocha, 2005):

“CADERNO 37

ESCAVAÇÕES NOS ARREDORES DO SIBORRO

(arredores de S. Pedro da Gafanhoeira)

PRIMAVERA DE 1939 (27 de Março a 3 de Junho)

1.<sup>a</sup> DOS TEXTOS – JU

2.<sup>a</sup> DOS TEXTOS – JV

3.<sup>a</sup> DOS TEXTOS – JX

4.<sup>a</sup> DOS TEXTOS – JY

1.<sup>a</sup> DOS GUALÕES – JZ

2.<sup>a</sup> DOS GUALÕES – KL

3.<sup>a</sup> DOS GUALÕES – KM

4.<sup>a</sup> DOS GUALÕES - KN

ANTA 1.<sup>a</sup> DOS TEXTOS - JU

Fica situada ao ENE do monte do Aldeão, a cerca de 250 m, na herdade do Aldeão, condado (no sentido popular a junção de herdades) dos Textos (S. Pedro da Gafanhoeira).

Tem câmara e corredor. Remexida.

Deu:

1 enxó mal polida, secção rectangular.

1 escopro.

1 faquinha secção triangular, retocada.

1 chapão, um buraco, partido em duas partes, desenho em linhas quebradas.

Fragmentos de cacos.

2 setas levemente concavas

1 concava

1 sílice de base concava

Arquitectura:

Anta com câmara de sete esteios e corredor largo, já quasi sem mamoá. Câmara com chapéu.

Comprimento total: 4,20 m.

Câmara. Diâmetro N/S: 2,50; E/W: 2,60.

Esteios da Câmara:

A) Direito e partido. Encostado a uma oliveira. 2,73x 1,42x 0,40.

B) Quasi deitado, partido. 0,82x 1,17x 0,29. Irregular.

C) Aplanado. Algo inclinado. 1,80x 0,90x 0,18.

D) Pedra mestra. Direito. Irregular. 2,05x 1,50x 0,40.

E) Partido. 0,81x 0,80x 0,19.

F) Muito irregular e inclinado. 1,80x 1,36x 0,24.

G) Partido. Inclinado. 1,03x 0,96x 0,30.

Altura da terra na câmara 0,98. Deu objectos do lado sul.

Chapéu: liso, assente nos esteios B e F. Mede de N/S: 2,90; e E/W: 1,95.

Caído para Sul.

Corredor: Comprimento 1,70; largura 1,53.

Esteios da esquerda (Sul) – 2

I. Inclinado. 1,09x 0,60x 0,44.

II. Inclinado para fora. 1,30x 0,80x 0,52.

Esteios da esquerda (Norte) – 1

I. Muito inclinado. 0,76x 0,38x 0,15

Não tem já tampas.

Anta calcolítica. Corredor para leste.”

Em termos gerais, se analisarmos os seus trabalhos à luz das exigências atuais, verificamos que as metodologias de Manuel Heleno deixaram muito a desejar, apesar de se enquadrarem no ambiente científico da época. Segundo informações fornecidas por um dos seus colaboradores habituais, Manuel Heleno foi um arqueólogo ausente, deixando, normalmente, as escavações entregues a um funcionário do Museu, coadjuvado por trabalhadores rurais. Por isso, as observações que anotou podem ter sido efetuadas pela sua análise direta no terreno ou dependerem muito mais da capacidade e poder de observação dos seus colaboradores. No entanto, não podemos deixar de realçar alguns pormenores relativamente ao trabalho realizado por esta figura incontornável da arqueologia portuguesa, alguns positivos, outros nem tanto:

- a) Criação de um código alfabético para designar os monumentos. Esta prática que per si não teria nada de negativo acabou por encriptar toda a sua informação uma vez que Manuel Heleno nunca cedeu os seus Cadernos de Campo (onde se encontrava a correspondência monumento/ código), e as centenas de contentores depositados no Museu Nacional de Arqueologia continham apenas o código, como identificação;
- b) Rigor na descrição das localizações dos monumentos. Numa altura em que não existia GPS e que muito provavelmente se deslocava de charrete, as suas descrições sobre a localização dos monumentos, normalmente a partir de um monte, permitiu a sua relocalização decorridos cerca de setenta anos;



- c) Rigor na descrição das arquiteturas. Para a maioria dos monumentos descreve minuciosamente as medidas dos esteios, corredor e câmara;
- d) Na descrição das estratigrafias pelo contrário, voltamos a ter situações bastantes díspares que devem resultar da sua ausência nas escavações, anteriormente referida. De facto, o registo gráfico das estratigrafias (perfis estratigráficos), feito sempre de forma esquemática, é raro nos seus apontamentos. Por vezes, temos alguns apontamentos sobre a posição dos artefactos dentro do monumento ou sobre a dureza das terras;
- e) Recolheu, em muitos monumentos, amostras de terras com cinzas, demonstrando um interesse, inusitado para a época, por este tipo de registo. Infelizmente não se encontraram no Museu Nacional de Arqueologia nenhuma destas amostras;
- f) Preocupou-se também com a recolha de restos osteológicos, realizando observações sobre a posição dos esqueletos e eventuais indícios de cremações, o que permitiu a realização de algumas datações (Rocha, 2005);
- g) O uso aparentemente sistemático do crivo. Ao contrário dos seus antecessores, os materiais por ele recolhidos são mais diversificados – por exemplo, abundam as contas de colar e outros objetos de pequena dimensão;
- h) Quanto ao espólio verificam-se, de novo, duas situações distintas: nalguns casos descreve em pormenor o espólio recolhido, fazendo referências a eventuais associações a outros materiais e à sua posição em relação à arquitetura dos monumentos, e noutros, em que se limita a apresentar uma listagem sucinta do espólio recolhido. Naturalmente que esta dualidade de critérios se pode dever ao fato de estar, ou não presente na escavação ou, então, à impor-

tância científica que atribuía a alguns dos monumentos. Algumas categorias de materiais arqueológicos beneficiaram de descrições bastante pormenorizadas, sobretudo as placas de xisto (decoração), as pontas de seta (forma da base e, por vezes, o retoque), ou os geométricos (forma);

- i) Para além do registo e das escavações em monumentos megalíticos e povoados, registou também menires (que tinham passado despercebidos a outros investigadores que realizaram trabalhos no Alentejo, nomeadamente o casal Leisner e Vergílio Correia) e preocupou-se ainda em fazer um registo etnográfico, anotando adivinhas e poesia popular, para além de algumas observações pertinentes sobre a paisagem.

Ao analisarmos hoje o trabalho realizado por Manuel Heleno no Alentejo verificamos que este teve um grande mérito e um grande pecado: se, por um lado, registou inúmeros monumentos que se acabaram por se perder nas últimas décadas, por outro, o fato de não ter publicado os seus dados, induziu em erro os futuros investigadores. Exemplo desse problema encontra-se no concelho de Arraiolos ao analisarmos a publicação “Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos” (Silva e Perdigão, 1998) onde se consideram inéditos dezenas de monumentos megalíticos identificados e escavados por M. Heleno.

## **2. Os novos dados arqueológicos: a primeira metade do século XXI**

Como se referiu anteriormente a disponibilização dos Cadernos de Campo de Manuel Heleno aos investigadores permitiu que se corrigissem erros mas, também, que se pudesse descortinar a real importância científica dos monumentos por ele intervencionados através da correlação Código/Monumento.

Assim, os trabalhos da signatária no concelho de Arraiolos passaram até ao presente, por três fases:

1) Numa primeira fase (2002-2004) procederam-se a trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos registados e intervencionados por Manuel Heleno do concelho de Arraiolos (Rocha, 2005);

2) Em 2010, iniciou-se um novo projeto (2010/ 2013) que visava identificar novos sítios, sobretudo nas áreas que se apresentavam mais vazias (Rocha, Santos e Branco, 2013);

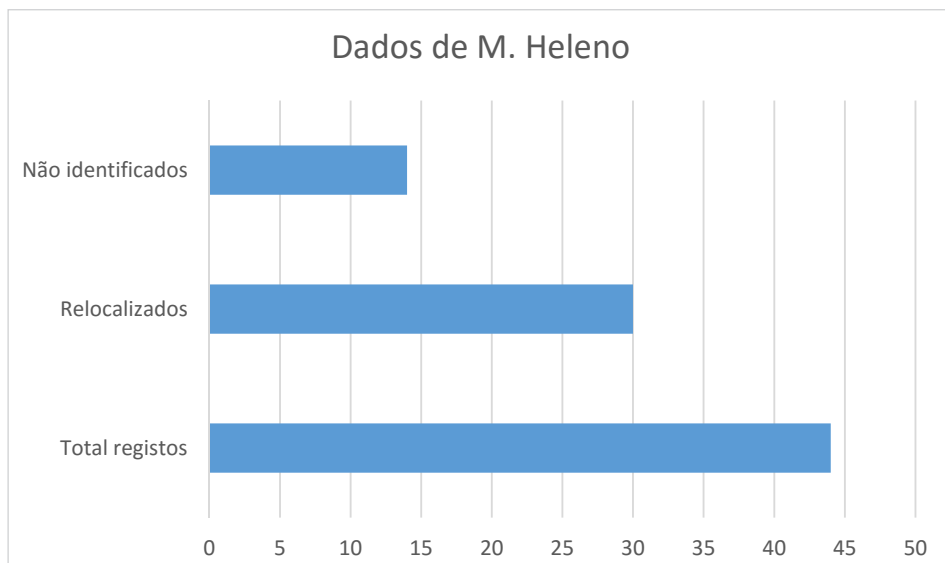
3) A partir de 2014, com base nos dados obtidos pelos trabalhos anteriores, passou-se à intervenção de um conjunto de sítios que nos pareciam ou em maior risco de destruição ou que possuíam um elevado valor científico e patrimonial para o concelho.

## 2.1. Fase 1: Manuel Heleno revisto

O trabalho de relocalização dos monumentos megalíticos – escavados e/ou referenciados por Manuel Heleno, neste concelho, apenas foi possível depois da aquisição dos seus *Cadernos de Campo*, pelo Museu Nacional de Arqueologia, na primeira década do século XXI. Os trabalhos realizados pela signatária (Rocha, 2005) permitiram então verificar que dos 44 monumentos registados, se conseguiram relocalizar cerca de dois terços (30). Dos 14 que não foi possível confirmar, 11 correspondem a casos em que a informação transmitida por Manuel Heleno é pouco explícita, em termos de localização, ou cujos topónimos não foram identificados, e os restantes três estão, muito provavelmente, destruídos.

Em relação ao espólio recolhido, a contabilidade realizada a partir dos *Cadernos de Campo*, permite-nos contabilizar alguns milhares de peças. No entanto, estes valores podem ser substancialmente diferentes quando se proceder ao inventário monumento a monumento – tarefa que ainda não foi realizada para o concelho de Arraiolos – dadas as imprecisões existentes nas suas anotações.

Dos 43 sítios referenciados como do concelho de Arraiolos, no Museu Nacional de Arqueologia, 30 pertencem aos monumentos megalíticos intervencionados por M. Heleno.



**Gráfico 2** - Dados de M. Heleno para o concelho de Arraiolos e situação atual (sgd. Rocha, 2005)

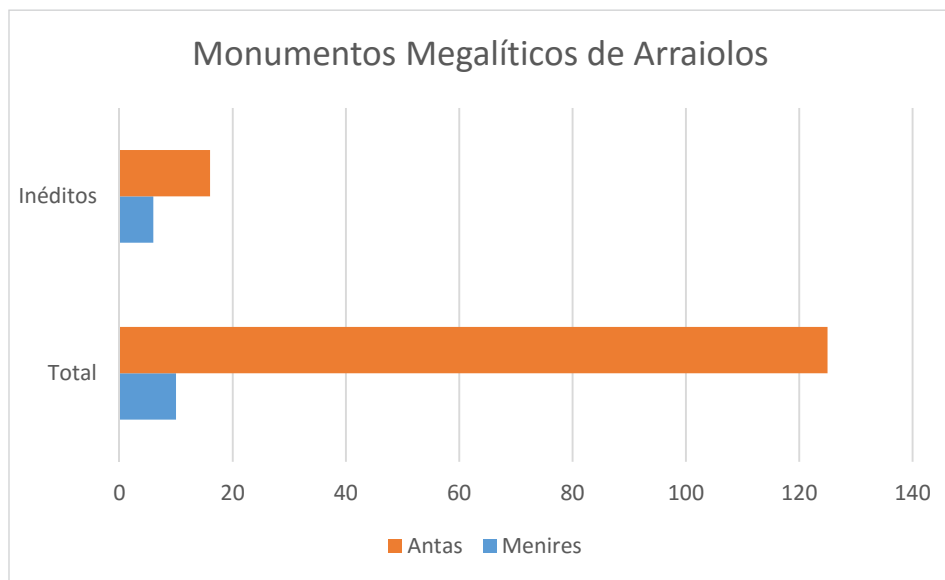
## 2.2. Fase 2: Novos dados, novos sítios

No âmbito do projeto "Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Arraiolos) apresentado em 2010, com Ivo Santos, pretendia-se realizar novos trabalhos arqueológicos na área do atual concelho de Arraiolos, os quais englobavam todos os tipos de vestígios e cronologias, definindo-se duas vertentes: por um lado, dar continuidade aos trabalhos anteriormente desenvolvidos de identificação e/ou relocalização de sítios arqueológicos ou com valor patrimonial e, por outro, integrar e analisar a informação numa perspetiva de se poderem vir a desenvolver, no futuro, outros trabalhos, nomeadamente de escavações arqueológicas. Os trabalhos de campo a realizar deveriam incidir, sobretudo, nas áreas que se encontravam mais em risco ou com maiores lacunas na investigação, quer por se tratar de uma área aparentemente vazia de informação, quer por a informação existente se reportar a trabalhos antigos.

Atendendo à dimensão do concelho, um dos maiores do país, acabou por se optar por realizar trabalhos de campo (prospecção) nas áreas onde existia menos informação, não se realizando muitos trabalhos de relocalização dos trabalhos anteriores (Calado, 2001; Calado, Deus e Mataloto, 2000; Silva e Perdigão, 1998).

Em quatro anos foi possível identificar um conjunto significativo de novos sítios pré-históricos de todas as tipologias: monumentos megalíticos (funerários e não funerários), povoados e arte rupestre.

Em relação ao megalitismo devemos salientar sobretudo a existência de um núcleo de pequenos monumentos (sepulturas proto megalíticas) identificadas na atual freguesia do Vimieiro e também alguns menires, todos aparentemente descontextualizados, mas que nos permitiram perceber melhor a evolução do povoamento megalítico neste concelho (Rocha, Santos e Branco, 2013; Rocha e Santos, 2013, 2015; Rocha, 2015a, 2015b, 2016a, 2016b).



**Gráfico 3** - Total monumentos inventariados e inéditos de Arraiolos em 2013 (sgd. Rocha, Santos e Branco, 2013)

### 2.3 Fase 3: Novas intervenções, novos dados

A terceira fase deste projeto encetou-se em 2014 com o início das escavações em alguns monumentos que, por um lado, se encontravam muito danificados e, por outro, nos pareciam ter elevado valor científico/ patrimonial. No decurso dos últimos três anos foram realizadas intervenções em duas antas e um menir, encontrando-se duas delas ainda por concluir.

Anta da Courela da Granada da Anta. A intervenção realizada em 2014 permitiu confirmar a existência de um monumento megalítico de pequenas dimensões que se encontrava quase encoberto pela acumulação de blocos de pedras provenientes das imediações (maroiço).

Este monumento, pela sua planta, enquadra-se dentro do que poderemos classificar como sepultura proto megalítica com corredor incipiente, com onze esteios e uma planta que, não obstante a deslocação de alguns dos esteios é em "P" (ver **Figura 1 e 2**). O escasso espólio recolhido (fragmentos de cerâmica e uma ponta de seta) apontam para a existência de uma ocupação dentro do Neolítico final mas, o seu grau de destruição/violação não nos permitiu identificar nenhum nível arqueológico conservado. No final dos trabalhos procederam-se a alguns trabalhos de conservação e restauro, com a reposição do esteio 6 (E6) e a proteção do monumento, no interior, com geotêxtil e blocos de pedras.

Anta do Telhal. Apesar deste monumento se apresentar muito danificado, com apenas um esteio na vertical (o de cabeceira) e outros três com a base aparentemente *in situ* (mas tombados para o interior da câmara) e do corredor apenas se visualizar um dos esteios, do lado norte, completamente tombado para trás, trata-se do primeiro monumento megalítico identificado no Alentejo com arte megalítica similar à dos menires (Rocha, 2013, 2014, 2015, 2016; Bueno Ramírez et al, 2013, 2015), o que justificava a sua intervenção e tentativa futura de reabilitação. A primeira campanha de escavações, realizada em 2015, não forneceu dados científicos muito relevantes uma vez que o interior do monumento se encontra muito perturbado por sucessivos episódios de violações/destruições e, da mamoa, não restarem quaisquer vestígios, no lado exterior, encontrando-se o afloramento a escassos centímetros de profundidade.

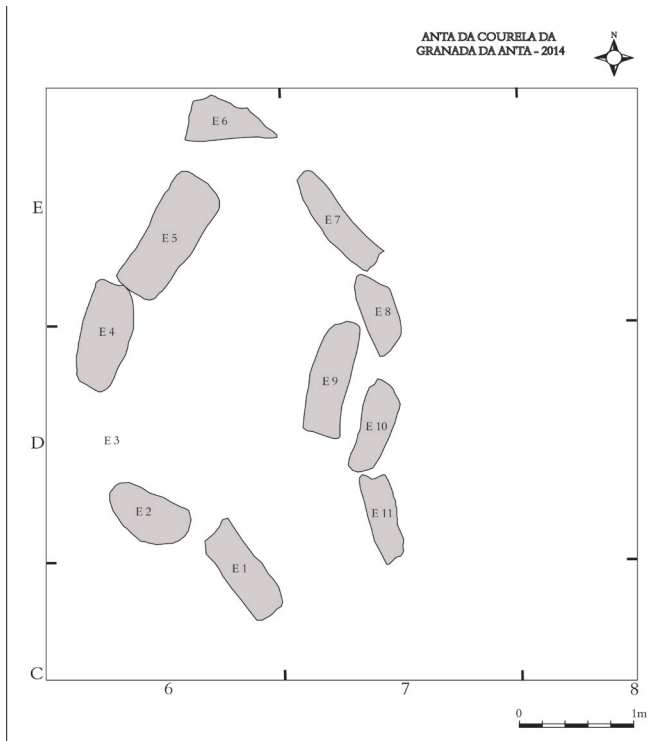


Figura 1 - Planta final do monumento



Figura 2 - Trabalhos finais de restauro

Os trabalhos não se encontram concluídos pelo que a intervenção irá continuar, provavelmente, em 2016 e 2017.

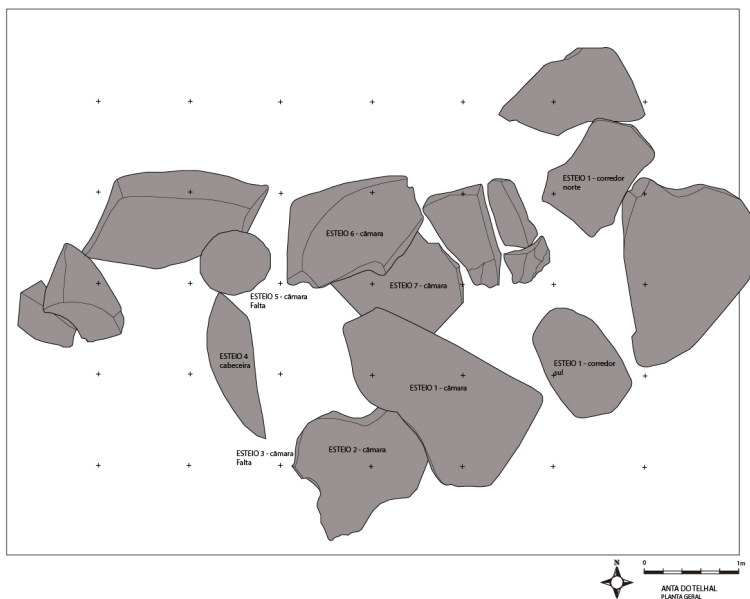


Figura 3 - Planta geral do monumento



Figura 4 - Vista do monumento no final dos trabalhos de 2015



Menir da Caeira. Trata-se de um grande monólito alongado (cerca de 5,12m), de secção ovalada com um peso estimado de nove toneladas. Não são visíveis gravuras, apenas covinhas na face virada para cima. Encontrase tombado, numa lomba aplanada nas imediações das antas da Caeira. A intervenção, que se iniciou em 2016, tinha três objetivos principais: i) compreender a estrutura original do monumento, tentando esclarecer se o menir se encontra tombado in situ; ii) em segundo lugar procura-se identificar vestígios de outras estruturas (negativas) que pudessem estar eventualmente relacionadas com a utilização do monumento ou, eventualmente com o fato de poder tratar-se de um recinto destruído – note-se que em pelo menos duas das antas da Ceira parecem existir menires reutilizados; iii) em terceiro lugar, tentar obter materiais arqueológicos orgânicos que pudessem ser objeto de datações radiométricas e/ou a recolha de materiais arqueológicos não orgânicos que possam ser submetidos a uma análise crono-cultural.

Apesar de, como se referiu anteriormente, esta intervenção não se encontrar concluída (pelo que os dados aqui apresentados são ainda preliminares), os trabalhos realizados em 2016 permitiram atestar a existência de dois momentos de reutilizações deste menir, um na Idade do Bronze e outro no Período Romano.



**Figura 5** - Vista geral do menir no final dos trabalhos de 2016

### **3. Reconstruindo o passado de Arraiolos**

Os trabalhos realizados por diversos investigadores na área do concelho de Arraiolos permitiram-nos obter dados muito importantes sobre a ocupação pré-histórica desta área. Em termos gerais, sabemos hoje quais foram as áreas mais privilegiadas por estas populações antigas.

As ocupações mais antigas, do Neolítico antigo/médio parecem ter padrões de implantação preferenciais – áreas com afloramentos graníticos – apesar de também se terem identificado alguns núcleos de povoamento em pequenas elevações, completamente invisíveis na paisagem envolvente. Este tipo de paisagem corresponde aqui aos terrenos com condições favoráveis para a pastorícia, mais acidentados e pedregosos, por vezes associados a maiores concentrações de afloramentos graníticos, localizados sobretudo a nordeste e noroeste do concelho, onde se encontram o maior número de vestígios neolíticos – povoados, menires e sepulturas proto megalíticas.

No Neolítico final/Calcolítico, esta ocupação estende-se também ao lado oeste e sudoeste do concelho, onde surge agora uma grande mancha de monumentos megalíticos, de maiores dimensões, que se estende para os concelhos limítrofes de Montemor-o-Novo e Évora.

Os dados aportados pelos novos trabalhos são muito interessantes uma vez que não só nos estão a permitir perceber as áreas preferenciais de implantação (que pode conduzir à identificação ainda de mais sítios) como também equacionar a importância deste conjunto megalítico face aos outros do Alentejo Central. De facto, não só o concelho de Arraiolos possui o único monumento megalítico funerário identificado até ao presente com arte megalítica similar à dos menires, como a intervenção realizada no menir da Caeira revelou uma reutilização ritual do período romano, desconhecida a nível Peninsular.

## Bibliografia

- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo; ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge (2013), "La estela-menhir del anta do Telhal. Arraiolos (Portugal)" in *Património(s) de Arraiolos*, Arraiolos, Câmara Municipal de Arraiolos, pp. 302-303.
- BUENO-RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge (2015), "Anthropomorphic image as origins of ancestor's "Caves". The stele - menhir of Anta do Telhal, Arraiolos, Évora, Portugal", *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology*, 29th April – 1st May 2013. ROCHA, L; BUENO-RAMÍREZ, P; BRANCO, G. (eds), BAR International Series 2708, Cambridge, pp. 83-94.
- CALADO, Manuel (2001), *Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional*, *Trabalhos de Arqueologia*, 19, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel; DEUS, Manuela; MATALOTO, Rui (2000), "O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar" in *Revista de Guimarães – volume especial. Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, Vol.II, pp. 759-774.
- ROCHA, Leonor (2005), *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*, Tese de doutoramento policopiada, Lisboa: FLL.
- ROCHA, Leonor (2013a), "A Arte rupestre de Arraiolos", in *Património(s) de Arraiolos*, Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, pp. 304-308.
- ROCHA, Leonor (2014), "Arte móvel megalítica no Alentejo Central (Portugal): algumas leituras possíveis", *III Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana*, Havana, pp. 46-65.
- ROCHA, Leonor (2015a), "Espaços de necrópoles das primeiras sociedades camponesas no concelho de Arraiolos: um ponto da situação". *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, MEDINA ROSALES, N. (Ed.). Ayuntamiento de Aroche, pp. 251-268.
- ROCHA, Leonor (2015b), "Arte rupestre no Alentejo Central: o caso de Arraiolos", *Actas do XIX International Rock Art Conference, IFRAO 2015*, COLLADO GIRALDO, H; GARCÍA ARRANZ, J.J. (eds). ARKEOS, 37, Tomar, pp.149-166.
- ROCHA, Leonor (2016), "Nouvelles [et anciennes] données sur l'art mégalithique en Alentejo", *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular*, 4, UAH: Alcalá de Henares, pp. 237-247.
- ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; BRANCO, Gertrudes (2013a), *Património(s) de Arraiolos*, Arraiolos, Câmara Municipal de Arraiolos.

ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo (2013b), Contributo para o conhecimento do concelho de Arraiolos: O projeto LAPA. *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 139-148.

ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo (2015), "O Neolítico do concelho de Arraiolos: um ponto da situação", *Estudos & Memórias*, 8, Lisboa, pp. 369-377.

SILVA, António Carlos, PERDIGÃO, José (1998), Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos, Setúbal: Câmara Municipal de Arraiolos.